

EXPERIÊNCIAS HETEROTÓPICAS NAS TRAJETÓRIAS DE IMIGRANTES CUBANOS: PISTAS DE UMA PESQUISA DE CAMPO¹

[ARTIGO]

Elisa Beatriz Ramírez Hernández

Universidade Federal de Minas Gerais

Ângela Cristina Salgueiro Marques

Universidade Federal de Minas Gerais

¹ Esta pesquisa contou com o apoio da Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig).

[RESUMO ABSTRACT RESUMEN]

Este artigo aborda as relações e vínculos transnacionais e diaspóricos da comunidade cubana no Canadá, de modo a compreender as articulações entre os processos migratórios de longa data (meio século após a Revolução de 1959), que configuram uma “cultura migratória” cubana, e as transformações midiáticas e comunicacionais que possibilitam uma forma de vida transnacional. A partir de uma pesquisa de inspiração etnográfica realizada entre 2019 e 2021, destacamos as assimetrias, diferenças e vulnerabilidades que estruturam a experiência migratória de cubanos – ressaltando a constante elaboração de novos vínculos –, e a conformação de subjetividades outras – sobretudo no contexto atual de adensamento de fluxos humanos e digitais. O conceito de heterotopia de Foucault é acionado para definir: 1. a elaboração de espaços de refazimento identitário de cubanos que hoje vivem no Canadá (os vínculos que se conformam em um restaurante, a produção de mensagens em redes sociais e as tatuagens encontradas no corpo de um migrante); e 2. uma atitude de abertura aos efeitos que as interações do trabalho de campo podem gerar no processo de mapeamento de laços afetivos em fluxos transfronteiriços.

Palavras-chave: Experiência migratória. Heterotopia. Transformação individual e coletiva. Cuba. Canadá.

This study addresses the transnational and diasporic relationships and bonds of the Cuban community in Canada to evaluate the articulations between its long-standing migratory processes (half a century since the 1959 Revolution) which configure a Cuban “migratory culture,” and the media and communication transformations that enable a transnational way of life. Based on an ethnographic-inspired research, conducted between 2019 and 2021, we highlight the asymmetries, differences, and vulnerabilities that structure the migratory experience of Cubans, highlighting the constant elaboration of new bonds and the conformation of other subjectivities – especially in the current context of densification of human and digital flows. Foucault’s concept of heterotopia is used to define: a) the elaboration of spaces to remake the identity of Cubans currently living in Canada (the bonds which are formed in restaurants, the production of messages in social networks, and the tattoos found on the bodies of migrant); and b) an attitude of openness to the effects which fieldwork interactions can generate in the process of mapping affective bonds in cross-border flows.

Keywords: Migratory experience. Heterotopia. Individual and collective transformation. Cuba. Canada.

Este artículo trata las relaciones y los vínculos transnacionales y diaspóricos de la comunidad cubana en Canadá, con el fin de comprender las articulaciones entre los procesos migratorios de larga duración (cincuenta años de la Revolución de 1959), que configuran una “cultura migratoria” cubana, y las transformaciones de los medios y la comunicación que permiten una forma de vida transnacional. A partir de una investigación etnográfica, realizada entre 2019 y 2021, se destacan las asimetrías, diferencias y vulnerabilidades que estructuran la experiencia migratoria de los cubanos al señalar la constante elaboración de nuevos lazos, además de la conformación de otras subjetividades, especialmente en el contexto actual de densificación de flujos humanos y digitales. Se utiliza el concepto de heterotopía de Foucault para definir: 1. la elaboración de espacios para restablecer la identidad de los cubanos que actualmente viven en Canadá (los vínculos que se forman en un restaurante, la producción de mensajes en las redes sociales y los tatuajes que se encuentran en el cuerpo del migrante); y 2. una actitud de apertura a los efectos que pueden generar las interacciones del trabajo de campo en el proceso de mapeo de los vínculos afectivos en los flujos transfronterizos.

Palabras clave: Experiencia migratoria. Heterotopía. Transformación individual y colectiva. Cuba. Canadá.

Introdução

Muitas das metodologias utilizadas para pesquisar experiências de migração nos estudos de Comunicação derivam de outras disciplinas, incluindo Sociologia, Antropologia, Geografia e Estudos Literários. No entanto, certas abordagens estão sendo cada vez mais aplicadas às pesquisas em Comunicação, especialmente aquelas derivadas dos Estudos Culturais e da Teoria Transnacional (COGO; SILVA, 2016; RODRÍGUEZ SANTOS; COGO, 2021). Além disso, atualmente, os pesquisadores podem se valer de arcabouços teóricos que englobam tanto os estudos clássicos de identidades híbridas da diáspora² e interculturalidade, quanto os estudos mais recentes sobre as dimensões socio-técnicas do processo migratório, incluindo estudos de mídia digital e sua influência na mobilização de comunidades diaspóricas e a ativação de ligações transnacionais através das fronteiras (DIMINESCU, 2008; ELHAJJI; ESCUDERO, 2017). Além disso, o trabalho de campo continua a ser uma base metodológica fundamental para a compreensão da experiência de sujeitos

² Do grego *dispeirein*, que significa “dispersão”. No século XIX, o termo (com maiúscula e em singular) fazia referência à história de dispersão dos judeus fora da Palestina; já na década de 1980, as “diásporas” (com minúscula e no plural) visam incorporar novos significados que emergem das mudanças sociais, passando de uma formação de grupo fechado (pureza) para uma concepção das diásporas como comunidades híbridas (mistura). Assim, há uma evolução que passa pelas diásporas clássicas, os povos migratórios, os povos-mundo, dispersos em vários Estados (gregos, índios, chineses, armênios); até o que é chamado hoje de “novas diásporas”, grupos estabelecidos no estrangeiro (Canadá, Nova Zelândia, Austrália, Estados Unidos) (STOICIU, 2013, p. 10).

migrantes e, portanto, pretendemos discutir aspectos etnográficos de metodologias que enfatizam a experiência e a transformação subjetiva e coletiva nos estudos de migração em Estudos de Comunicação.

Apresentamos aqui algumas reflexões sobre a experiência de trabalho de campo a partir das interações que a autora Elisa Beatriz Ramírez Hernández estabeleceu com imigrantes cubanos na cidade de Montreal durante dois períodos de pesquisa: a primeira visita teve duração de cinco meses, no início de 2019; e a segunda visita, realizada em janeiro de 2020, foi prorrogada até junho de 2021 devido ao surto da pandemia de covid-19. A visita a campo foi realizada por Elisa (uma cubana, imigrante, doutoranda no Brasil, que chegou a Montreal falando poucas palavras em francês) como parte de sua pesquisa de doutorado, enquanto a concepção metodológica da pesquisa, a preparação do campo e a análise dos dados resultantes das trocas com os participantes foram realizadas em conjunto com a segunda autora, Ângela Cristina Salgueiro Marques, orientadora da pesquisa. Nesse sentido, ao longo do texto utilizamos tanto o “eu” quanto o “nós”, com o objetivo de respeitar a experiência individual do trabalho de campo e, ao mesmo tempo, as reflexões coletivas que dão corpo a este trabalho. Nossa relação com o terreno é, de alguma forma, estrangeira, já que nenhuma de nós havia visitado Montreal antes da investigação, nem tínhamos uma conexão direta com a comunidade diaspórica cubana na cidade. Encaramos o trabalho de campo a partir de nossas próprias subjetividades, respeitando tanto o encontro singular da pesquisadora que interage com os participantes do campo, quanto a concepção

coletiva de uma equipe de pesquisa. A partir de nossas sensibilidades e experiências de vida, buscamos contribuir com nossa própria visão sobre os fenômenos estudados, sempre em diálogo com a bibliografia sistematizada. Compartilhamos nossos pontos de vista para complementar e enriquecer a análise, que transita entre a proximidade de uma pesquisadora cubana e a distância do olhar de uma brasileira, que já desenvolveram juntas estudos sobre a realidade cubana, incluindo pesquisas anteriores sobre conversas online de cubanos sobre migração (RAMÍREZ HERNÁNDEZ; MARQUES, 2019, 2020).

Este artigo traz alguns dados desse período de incursão em campo, explorando os processos de subjetivação que permeiam o cotidiano dessa comunidade diaspórica, bem como a maneira como esses sujeitos criam vínculos transnacionais e práticas digitais para afirmar e transformar suas identidades e vidas³. Além de entrevistas realizadas com uma dezena de imigrantes cubanos em Montreal, a pesquisa empírica também incluiu notas de pesquisa, fotografias tiradas em campo e documentos (ou seja, cartas) trazidos para os encontros pelos próprios entrevistados. Também coletamos capturas de tela de postagens no Facebook dos cubanos que Elisa conheceu em Montreal e as mensagens de WhatsApp postadas por um grupo de amigos cubanos que moram nessa cidade⁴.

3 Foi somente em 2015 que o acesso à Internet via Wi-Fi começou a ser introduzido em Cuba, e somente em 2019 a conexão móvel 3G foi disponibilizada aos cubanos, embora controlada pelo governo, a custos extremamente altos e com qualidade precária.

4 Obtivemos devidamente o consentimento livre e esclarecido de todos os participantes da pesquisa.

É importante ressaltar que, desde 1959, existe um sistema político de partido único em Cuba (Partido Comunista de Cuba – PCC) que limita as liberdades individuais e os direitos dos cubanos. A ruptura revolucionária que levou a uma sociedade socialista trouxe às pessoas esperanças de maiores benefícios para a população (como o acesso universal à educação e à saúde), mas também levou ao estabelecimento de um Estado não democrático e totalitário, que controla centralmente os meios de produção e os espaços discursivos e culturais do país, incluindo o sistema de mídia nacional.

Ataques e ameaças externas de países capitalistas e o conflito histórico com os Estados Unidos tiveram um impacto negativo no desenvolvimento econômico da ilha e resultaram em políticas rígidas de controle de fronteiras, que permitem ao governo de Cuba, baseado em posições ideológicas, decidir sobre os direitos dos cidadãos cubanos, sobretudo em relação à liberdade de movimento e mobilidade⁵. Assim, a construção ideológica da Revolução de 1959 produziu uma realidade política polarizada entre os que apoiam a ideologia do governo e aqueles que dela discordam, levando a uma associação destes com os emigrantes. Mesmo seis décadas após o triunfo da revolução, a posição oficial do PCC continua a estigmatizar os emigrantes com acusações de que são “traidores” da pátria, pois supostamente seriam uma ameaça

5 Até 2013, os cidadãos cubanos precisavam solicitar autorização do governo para deixar o país. No entanto, mesmo após a eliminação desse procedimento, o governo cubano continua usando mecanismos de migração para limitar a entrada e saída de cidadãos cubanos por vários motivos.

à estabilidade e coesão do projeto revolucionário. Essa associação refere-se à metáfora da “praça sitiada” de um povo cubano “ameaçado” que tem que se defender por todos os meios, usada pelos discursos oficiais para estabelecer uma atribuição radical de direitos baseada na dicotomia de localização que opera pelo dentro/fora (em sua dimensão física e ideológica).

O que nos interessa aqui é compreender como os processos migratórios históricos, vinculados aos diversos êxodos desde a Revolução Cubana, estão passando atualmente por uma mudança radical na encruzilhada com as experiências digitais recentes desse modo de vida diaspórico e transnacional. No contexto da rígida regulamentação do governo cubano sobre mobilidade, acesso à informação, liberdade de expressão e formas de organização política e econômica da sociedade, acreditamos que a ampla dinâmica migratória cubana e a recente possibilidade de acesso à internet representam oportunidades que estão reformulando o modo de vida e a experiência política dos cubanos, tanto dentro como fora da ilha.

Cerca de dez por cento da população atual da ilha vive fora de Cuba, principalmente nos Estados Unidos. No entanto, o padrão tradicional de migração “sem retorno” para Miami está sendo transformado recentemente por uma diversificação de rotas e destinos, especialmente após a reforma migratória cubana de 2013⁶ e o fim da política americana que recebeu o nome de

6 A reforma implementada em 2013 eliminou as principais barreiras para os cubanos viajarem para o exterior.

“pés molhados, pés secos”⁷. É neste contexto que nos interessa examinar as características da comunidade cubana em Montreal, já que o Canadá é o quinto maior destino dos migrantes da ilha, com 29.065 pessoas de origem cubana (1ª e 2ª gerações), radicadas principalmente em Montreal (7.840) e Toronto (8.800) (STATISTICS CANADA, 2017a, 2017b, 2017c)⁸.

Para estudar esse contexto de diversificação do padrão migratório cubano (diferente da migração Cuba-Estados Unidos), escolhemos Montreal por ser uma das principais cidades de assentamento no Canadá, facilitando o trabalho de campo para este estudo exploratório. Também é possível observar uma grande diversidade de perfis migratórios na cidade (diferentes gerações e categorias de admissão migratória) por duas razões fundamentais: por algum tempo, o sistema de imigração de Quebec facilitou consideravelmente a admissão de trabalhadores qualificados, tornando-se o destino preferido de muitos profissionais do exterior; ademais, as estreitas relações entre Cuba e Quebec favoreceram o fluxo de pessoas entre os dois lugares, sobretudo relacionado à imigração por reagrupamento familiar, pedidos de refúgio e criação de redes migratórias ao longo do tempo.

7 A política norte-americana de “pés molhados, pés secos”, de 1996, concedeu automaticamente o status de “refugiados políticos” aos imigrantes cubanos. Tal política ofereceu durante décadas benefícios especiais aos emigrantes cubanos ilegais nos Estados Unidos até o governo de Barack Obama. Ver mais detalhes na matéria “Barack Obama pone fin a la política ‘pies secos, pies mojados’ (+ Declaración)” (BARACK..., 2017).

8 Essa pesquisa estatística mostra uma contagem de dados populacionais e se refere aos nascidos em Cuba e no Canadá.

Quebec é também o local de turismo mais importante para Cuba.

Nossa pesquisa busca explorar as possíveis articulações entre abordagens metodológicas etnográficas e o referencial teórico guiado por uma reflexão sobre a noção de heterotopia (FOUCAULT, 1967). A etnografia pode nos ajudar a destacar as formas como os migrantes cubanos explicam as transformações que tiveram que fazer em suas formas de vida, suas estratégias para se apropriar de aspectos de diferentes culturas, seu trabalho inventivo para elaborar e justapor outros espaços possíveis de experiência dentro de sociedades desconhecidas. As interfaces entre experiência e heterotopia devem ser minimamente claras para nos ajudar a definir nosso argumento. Foucault (2019, p. 29) define a experiência como a coragem de “arriscar não ser mais você mesmo”. Assim, experiências são realizadas a partir de ações transformadoras alterando as condições de opressão por meio de arranjos que envolvem um processo de autocriação permanente. Na experiência “há sempre um equilíbrio instável, com complementaridade e conflitos, entre as técnicas que asseguram a coerção e os processos pelos quais o sujeito é construído e modificado por si mesmo”, geralmente com a ajuda dos outros (FOUCAULT, 2013, p. 39). Nesse sentido, acreditamos que a experiência migratória traz a necessidade de construir caminhos alternativos e rotas de experimentação para enfrentar as expectativas e ideologias dominantes que moldam as existências dos migrantes, transformando-as profundamente.

Nesses experimentos, as pessoas podem elaborar alternativas para criar um espaço habitável e possível de existência

a partir de “operações heterotópicas pelas quais o corpo é arrancado de seu próprio espaço e projetado em outro espaço” (FOUCAULT, 2013, p. 12). Quando Foucault (2004b, p. 13) diz que “a heterotopia tem o poder de justapor em um único lugar vários espaços, várias posições que são em si incompatíveis”, ele enfatiza que o conceito de heterotopia pode explicar, por exemplo, a confluência entre os diferentes espaços da sociedade e como as relações neles baseadas definem as relações sociais dos indivíduos. A noção de heterotopia, portanto, permite-nos, a partir de dados etnográficos empíricos, pensar a realidade do espaço social criado pelos migrantes cubanos através da ideia de representação dos lugares que abrigam suas relações na sociedade. Pensar no processo de elaboração de uma heterotopia pode nos ajudar a compreender a heterogeneidade de temporalidades coexistentes e espaços migratórios habitados, experienciados e “viajados” por migrantes cubanos. Ao mesmo tempo, esse conceito faz parte de nosso engajamento reflexivo com a comunidade cubana no trabalho de campo. Nas considerações finais, evidenciaremos como nossa relação com os espaços heterotópicos elaborados pelos participantes molda os achados da pesquisa.

Acreditamos que as heterotopias podem atuar a favor de ações que contrariem a ordem consensual, atestando a impossibilidade de fixação de destinos e seus significados. Elas resultam de formas de resistência aos modelos majoritários de acomodação da experiência, da alteração da função dos enunciados existentes, oferecendo condições afetivas, políticas, éticas e sociais para a transformação das vulnerabilidades e para outra

experimentação das relações intersubjetivas e da imaginação política.

Para tanto, começamos discutindo os termos da relação que se estabelece entre o pesquisador e os sujeitos da pesquisa, bem como as possibilidades de o pesquisador lidar com a experiência de campo a partir das epistemologias e subjetividades que permeiam a escrita de um texto. Em seguida, exploramos a noção de heterotopia e seu potencial epistemológico e metodológico para pensar as relações de poder tanto no trabalho de campo quanto nos processos que estamos analisando. Por fim, apresentamos uma reflexão sobre como as interações, sujeitos e materiais que encontramos durante nosso trabalho podem ser articulados com uma perspectiva sobre a diferença e, em particular, sobre a heterogeneidade das relações espaciais e as assimetrias de poder.

Observar, participar, interagir: engajamentos no trabalho etnográfico

A pesquisa etnográfica clássica frequentemente utiliza a observação participante para proporcionar uma visão mais próxima das comunidades estudadas, porém, essa “proximidade” deve preservar algum distanciamento entre pesquisador e sujeitos pesquisados. A distância mantida no processo de aproximação é necessária para resistir à tentação de reduzir a alteridade a categorias familiares e quadros morais que orientam o olhar do pesquisador (DIMINESCU, 2008). Ainda que a relação desigual e colonial entre

pesquisador e participantes da pesquisa (GOLDMAN, 2006; GRANJON, 2020) seja um problema central no desenho dos caminhos metodológicos das investigações baseadas em encontros intersubjetivos, nosso desejo é investir em referenciais que proporcionem uma abordagem mais dialógica para se envolver com os participantes da pesquisa, bem como problematizar como o conceito de heterotopia pode ressignificar a experiência de campo. Aqui nos interessam particularmente as possibilidades de abertura do texto etnográfico às vozes dos interlocutores em suas experiências narrativas (CAIAFA, 2020, MORICEAU; SOPARNOT, 2019).

A exposição aos acontecimentos durante o trabalho etnográfico, segundo Caiafa (2020, p.38) faz com que pesquisadores e participantes da pesquisa sejam afetados de diferentes maneiras. Nesse sentido, a observação participante é vivenciada como um tipo especial de relação, envolvendo os desafios inerentes à alteridade numa linha tênue entre imperativos científicos, éticos e subjetivos. Segundo Moriceau e Soparnot (2019, p. 11-15), o desenho metodológico também pode ser concebido como um “outro espaço”, de hospitalidade, mas também onde pesquisador e participantes são desafiados por inquietações intensas, incompatíveis, contraditórias ou por experiências transformadoras. O encontro entre eles pode ser concebido como um espaço heterotópico, pelas implicações que traz para o pesquisador (questionar a validade das fontes utilizadas, a adequação das ferramentas, as implicações das escolhas feitas e o significado dos achados) e também para os participantes (situações criadas no trabalho de campo podem desafiar esquemas de visibilidade e legibilidade

que reiteram injustiças, além de questionar identidades sociais impostas, vulnerabilidades e condições injustas de vida).

Quando a pesquisa instala o corpo em outro espaço, fazendo-o entrar em um lugar que não existe diretamente no mundo, permite que esse corpo habite um possível espaço imaginário que o conecta ao universo do outro. Nesse espaço heterotópico, pesquisador e participantes estão localizados em rede, em uma “intriga” de múltiplos elementos e significados. É nessa rede que surge o questionamento de padrões opressores e a experimentação de novos códigos e linguagens para a elaboração de narrativas. As investigações por nós realizadas dedicaram-se a explorar formas de resistência aos modelos majoritários de tradução de experiências vividas, de mudança de função dos enunciados existentes, oferecendo condições afetivas, políticas, estéticas e sociais para a transformação das vulnerabilidades e para outra experimentação das relações intersubjetivas.

Nesse sentido, uma abordagem que nos parece particularmente importante, especialmente em projetos que focalizam a mobilidade humana e sua interseção com os fluxos digitais, é o uso de métodos etnográficos ao lado da cartografia (KASTRUP, 2008; VELOSO, 2020). A partir de uma perspectiva influenciada pelos trabalhos de Gilles Deleuze e Félix Guattari, diversos estudiosos defendem que a cartografia pode ser vista como uma tentativa de “mapear a rede de forças à qual o objeto ou fenômeno em questão está conectado, abrangendo suas modulações e suas contínuas formas de movimento” (BARROS; KASTRUP, 2009 apud VELOSO, 2020, p. 60). Utilizando essa abordagem cartográfica, Veloso (2020)

formulou sua pesquisa utilizando um tipo de “participação observante” (priorizando aqui um papel ativo do pesquisador no campo) para desenvolver um método que ele chama de mapeamento de vulnerabilidade: “um engajamento corporificado do pesquisador com os principais sujeitos envolvidos no fenômeno ou processo que pretende investigar” (VELOSO, 2020, p. 60).

A tensão da distância subjetiva entre os acadêmicos e os participantes da pesquisa no trabalho de campo permanece evidente, mas, neste caso, é definida por um “engajamento corporificado”, como menciona Caiafa (2020, p. 45) ao se referir a esse vínculo como “uma aproximação sóbria, um engajamento consequente, mas desapixonado, pronto para abraçar outras perspectivas e posições”. A ideia de “engajamento” é utilizada pelos autores para descrever certo nível de envolvimento entre o pesquisador e os participantes do campo.

O que geralmente se percebe como obstáculo ao rigor e ao poder criativo da observação participante é uma espécie de “hiperprofissionalismo que permite que a autoridade do etnógrafo prevaleça no campo”, de modo que os compromissos teóricos e as políticas acadêmicas acabam abandonando os aspectos enriquecedores (CAIAFA, 2020, p. 38). Nessa perspectiva, a noção de “lugar de fala”⁹ é empregada por

⁹ Entendemos o conceito de “lugar de fala” menos como a autoridade conquistada por um determinado sujeito para narrar sua experiência e mais como uma posição de sujeito, ou seja, o lugar social por eles ocupado em uma matriz de dominação e opressão, dentro de relações de poder que definem as condições sociais que autorizam ou negam o acesso de determinados grupos à cidadania. Trata-se, portanto, do reconhecimento do caráter coletivo que rege as oportunidades

alguns pesquisadores para se referir à pesquisa científica como um gesto político de construção do conhecimento com os sujeitos que participam do processo de pesquisa, a fim de dar visibilidade a uma “localização política, ética e social” a partir da qual os pesquisadores refletem sobre sua posição e sobre a responsabilidade ética inerente ao seu trabalho (MARTINO; MARQUES, 2018, p. 223).

Por outro lado, Granjon (2020) defende que

as análises que os entrevistados produzem não devem ser entendidas como interpretações prontas para serem utilizadas pelo pesquisador – como se esses enunciados revelassem o sentido exato do que aconteceu – mas sim como interpretações que ainda devem ser articuladas com uma variedade de outros fatos (GRANJON, 2020, p. 16).

Nesse sentido, considerar apenas as palavras dos participantes da pesquisa como a verdade de um conhecimento objetivo da realidade significaria desconsiderar algumas das condições e subjetividades históricas e situadas que permeiam essas narrativas, que não seriam captadas por essas representações.

Aqui, argumentamos que o desafio de usar a etnografia é encontrar um equilíbrio no processo de interpretação das análises dos participantes, por meio do qual o pesquisador reconstrói a experiência de campo,

e constrangimentos que atravessam os sujeitos pertencentes a determinado grupo social e que se justapõem ao aspecto individualizado das experiências (RIBEIRO, 2017).

para que ela não se torne um discurso que apague a enunciação dos sujeitos participantes, nem se converta em um registro plano e homogêneo da realidade produzida pelo pesquisador. Em geral, podemos apontar que o potencial da tradição etnográfica reside justamente em sua capacidade de contestar continuamente seu próprio tradicionalismo, de possibilitar abordagens interdisciplinares e de levantar novas questões a partir de descobertas e experimentos no campo (CASTAÑEDA, 2006). Nesse sentido, metodologias e métodos mais recentes (isto é, a cartografia participativa, a fotovoz, o laboratório vivo etc.) estão especialmente interessados em buscar formas de contestar assimetrias e compartilhar poder nos encontros em campo e nos textos publicados.

Partindo dessas perspectivas, buscamos refletir sobre como a noção de heterotopia pode lançar luz sobre a configuração de um espaço de encontro de pesquisa mais equânime e, também, ser um espaço possível de transformação da experiência dos migrantes cubanos. Nosso argumento parte do pressuposto de que os espaços heterotópicos podem ser disruptivos e transformadores no sentido de que esses migrantes mostram como eles definem suas coordenadas de vida e suas práticas de reexistência. A construção de heterotopias mostra como sua existência corporal é prejudicada por poderosas forças de controle e, por isso, criam espaços concretos e simbólicos nos quais podem produzir cenas em que tematizam e nomeiam injustiças, fomentando a insurgência, a invenção e a “recusa do estatuto de sujeito em que se encontram. A recusa de sua identidade imposta, a recusa de sua permanência” (FOUCAULT, 2019, p. 35) diante de um mundo que não os reconhece.

Para Foucault (2004b), esse movimento de construção de espaços heterotópicos exige atenção às transformações que se produzem na condição de realizar experiências em uma temporalidade descontínua e fragmentada: um tempo repleto de intervalos em que as vidas são constantemente redefinidas diante de múltiplas forças de poder e criação.

Heterotopias: especialidades, redes de poder e diferenças

No contexto da proliferação de estudos sobre diásporas e Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), Tristan Mattelart (2009) chama a atenção para os riscos do determinismo tecnológico; entre outras questões, aponta para a necessidade de levar em conta as particularidades do contexto socioeconômico em que ocorrem os processos de comunicação e migração. Sob essa perspectiva, entendemos que os sujeitos não podem ser reduzidos à sua condição étnica de migrantes, o que significaria desconsiderar as múltiplas restrições socioeconômicas, as desigualdades estruturais e as relações de gênero, classe, geração, raça, idade e político-ideológicas que permeiam todas as comunidades. Isso envolve conferir a devida consideração às relações de poder que estruturam os fluxos migratórios e sua dimensão política.

Nesse sentido, a noção de “migrante conectado” (DIMINESCU, 2008) é útil para compreendermos a condição diaspórica dos migrantes, pois o conceito aborda as assimetrias no acesso à tecnologia que

marcam as várias formas de mobilidade (trans)migrantes e contextos, incluindo as estratégias empregadas por familiares e amigos no país de origem (não migrantes) para manter contato com aqueles que emigraram.

A partir das pistas oferecidas pelas abordagens culturais e transnacionais para estudar a interseção dos processos de comunicação e migração, e com especial interesse em explorar as relações de poder ligadas ao espaço e às subjetividades que emergem nesse campo de pesquisa, voltamo-nos para o trabalho de Michel Foucault (1967) sobre os “espaços outros” e para a noção de heterotopias. Tomamos a heterotopia como uma forma produtiva de pensar as relações dos sujeitos com o espaço, em relação às suas práticas de comunicação e suas experiências migratórias.

Embora os estudiosos tenham utilizado a noção de heterotopia em diversos campos de estudo, trata-se de um conceito controverso e pouco desenvolvido nas obras de Foucault. A palestra proferida por Foucault no Cercle d'Études Architecturales de Paris, em março de 1967, foi a referência mais explícita a sua proposta de estudar sistematicamente “outros espaços” que desafiam aquele que habitamos, o que ele chama de ciência da heterotopologia. Segundo Daniel Defert (2013), o interesse pela dimensão política e epistemológica do espaço permeia a obra de Foucault, despertada por seu estudo sobre as “espacializações do poder” e sua inter-relação com o conhecimento. Na palestra de 1967, Foucault (2004b) define o espaço que habitamos atualmente como um “conjunto de relações de posicionamento” (*set of*

relations of emplacement)¹⁰, termo que se refere a lugares, locais, sítios, para expressar a dimensão relacional dos espaços¹¹.

Para Foucault (2004b), as heterotopias são recorrentes em todos os grupos humanos, embora assumam formas e funções diferentes dependendo da cultura em que se encontram; e podem, também, evoluir com o tempo. Uma heterotopia tem capacidade de justapor, em um único lugar real, muitos espaços, muitos posicionamentos (*emplacements*) que, de outra forma, seriam incompatíveis entre si. Além disso, Foucault aponta uma conexão com as *découpages du temps* (*slices* ou fatias de tempo, ou, ainda, descontinuidades

temporais), as heterocronias que emergem em rupturas no tempo tradicional e que evidenciam a descontinuidade e a multiplicidade de nossa experiência espaço-temporal hoje. A heterotopia também manifesta a natureza dos espaços que não são totalmente fechados nem totalmente abertos, bem como a condição de que os lugares que articula sejam ao mesmo tempo representados, contestados, invertidos.

Nas breves discussões de Foucault sobre heterotopias, encontramos exemplos tão variados quanto os antigos jardins da Pérsia, as feiras, o navio, os banhos turcos, os bordéis, certo tipo de arquitetura doméstica nas colônias, o cemitério, as prisões, as bibliotecas, entre outros. Uma característica recorrente desses espaços, segundo Defert (2013), é que eles poderiam se tornar lugares onde “eu sou e não sou” (o espelho, o cemitério), ou lugares onde “eu sou outro” (bordel, acampamento de verão), revelando assim o potencial analítico do uso da heterotopia para explorar como a experiência do corpo no espaço e seus modos de subjetivação podem apontar para relações assimétricas entre práticas sociais normativas e transgressoras.

No entanto, muitos estudos sobre heterotopias apontam a dificuldade de encontrar um padrão comum entre os exemplos e a própria impossibilidade de elaborar uma definição com base neles. David Harvey (2000), por exemplo, questiona a ambiguidade e o relativismo do conceito, bem como a ideia de que há um espaço exclusivo onde Foucault sugere que tudo pode ser tolerado e aceito, desde que isso se oponha à ordem dominante. Por outro lado, concordamos com Johnson (2013) quando este aponta que não seria pertinente

¹⁰ Um termo que ele usa precisamente no sentido técnico ao se dirigir aos arquitetos, para evitar palavras comuns. Em francês, esta palavra geralmente se refere à marcação de uma posição dentro de um sítio arqueológico, por exemplo, um acampamento designado dentro de uma área de acampamento maior, a fim de indicar as relações entre diferentes pontos específicos dentro de um determinado espaço.

¹¹ Nesta palestra, Foucault (1967) apresenta brevemente seis princípios que podem caracterizar uma heterotopia, que ele ilustra através de exemplos muito diferentes, podendo apresentar tanto heterotopias de desvio, de crise e de compensação (espaços de controle sobre as vidas), quanto heterotopias mais positivas, destinadas ao sonho, ao refúgio, ao refazimento e à fabulação. Os princípios apresentados por Foucault podem ser resumidos da seguinte maneira: 1. todas as sociedades produzem suas heterotopias; 2. no curso de sua história, as heterotopias evoluem e se transformam; 3. uma heterotopia justapõe espaços e tempos que podem ser incompatíveis entre si; 4. a heterotopia acompanha também uma heterocronia, uma dimensão temporal; 5. uma heterotopia é um lugar nem totalmente fechado, nem completamente aberto; e 6. na heterotopia, os lugares relacionados são ao mesmo tempo representados, contestados, invertidos. Mas todas as heterotopias possuem, segundo Foucault (1967), um sistema de abertura e de fechamento que as isola ao mesmo tempo em que permite o acesso (mediante permissão ou submissão a certos procedimentos).

entender a heterogeneidade e a diferença das heterotopias no sentido de ser um espaço isolado onde a liberdade é vivida plenamente, desconsiderando o fato de que esses espaços (ou relações espaciais heterogêneas) existem na medida em que estão inseridos de alguma forma em nossas práticas cotidianas, coexistindo em sua diferença com aqueles com os quais se relacionam.

Alguns estudiosos também observam que, no domínio das heterotopias, elementos transgressivos podem se cruzar com formas sutis de controle, resultando em apenas mais um “modo de ordenamento”, ao invés de uma ruptura radical (HETHERINGTON, 1997). Assim, é mais proveitoso abordar a heterotopia como uma reconfiguração do espaço e do tempo, mais do que um lugar específico, real (GENOCCHIO, 1995), para que entendamos que a diferença se produz em um jogo de relações, ou similitudes, e não por equivalências ou oposições entre espaços. Mais do que “entidades estáveis” que podem ser reconhecidas, nomeadas e localizadas, vemos as heterotopias como “qualidades contingentes” que demarcam uma abordagem relacional da diferença como ferramenta analítica para iluminar as múltiplas características dos espaços sociais e culturais, bem como para inventar outros espaços através das práticas que ocorrem em um contexto específico. Assim, o pensamento heterotópico oferece um percurso alternativo para explorar espaços e tempos que não são necessariamente “outros” de maneira radical, ou seja, não são recintos onde a “normalidade é suspensa. Quando entramos, entramos num mundo que espelha, condensa e transforma o espaço exterior, oferecendo oportunidades e perigos” (JOHNSON, 2013, p. 799).

Assim, o espaço e o pensamento heterotópicos, como dispositivos, combinam método e objeto, gerando novos efeitos, experiências, aberturas e perigos; destacando uma rede e indicando a possibilidade de novas alianças. Não se trata de oferecer uma rota de fuga fácil do cotidiano. No entanto, existem experiências libertadoras ou características do espaço heterotópico que desafiam o utilitarismo e as avaliações morais que tentam padronizar espaços, corpos e comportamentos. A nosso ver, essa proposta de Foucault está longe da noção utópica de fuga e resistência a partir da qual Harvey o critica. As “alianças heterotópicas são mais lúdicas e experimentais em sua força política” (JOHNSON, 2013, p. 800).

Para Gandy (2012), as heterotopias podem ser tanto um objeto de estudo quanto uma ferramenta analítica, combinando método e objeto e gerando novos efeitos e caminhos de pesquisa que permitem a exploração de diferentes formas de subjetividade. O potencial epistemológico da heterotopia deriva de sua capacidade de conectar estudos interdisciplinares, abrindo um novo campo conceitual, testando fronteiras, rompendo campos de estudo estabelecidos e determinando novas conexões (DEFERT, 2013). Em nossa pesquisa, o conceito de heterotopia está metodologicamente relacionado a uma atitude de abertura aos efeitos que as interações do trabalho de campo podem gerar. Uma vez que as heterotopias não se definem *a priori* como um espaço dado, nem como uma combinação única e permanente de elementos, nosso esforço consiste em mapear (como o cartógrafo) as qualidades heterotópicas das experiências compartilhadas no campo, a fim de abordar plenamente as redes de poder

(assimetrias, diferenças, vulnerabilidades) que permeiam tanto os processos estudados quanto nosso trabalho de campo.

Para Christian Laval (2019), a noção de heterotopia de Foucault se revela justamente em sua concepção de experiência, que permeia múltiplos arranjos espaciais ao longo da história. Para Foucault (2004b), as experiências e a heterotopia produzem deslocamentos; causam inquietação, desestabilizam os lugares comuns e perturbam a distribuição habitual das coisas. Uma heterotopia não coloca as coisas no lugar esperado: ela produz, ao contrário, experiências que nos revelam a variedade de lugares que podemos habitar, construindo um para as diferenças. Essa concepção espacial da heterotopia possibilita experiências e experimentos de resistência ativa, deslocamentos para fugir da autoridade ou atribuições de lugares ou identidades. Assim, a experiência heterotópica pode produzir um modo de vida baseado no cuidado de si e dos outros: submete a vida a uma transformação, ao mesmo tempo em que reconhece que a experiência se dá na articulação historicamente situada entre um regime de verdade (saber), uma forma de governamentalidade (poderes) e uma prática centrada no eu (subjetivação).

Nessa perspectiva, entendemos que as ideias sobre heterotopia podem ser articuladas com reflexões produzidas em pesquisas etnográficas voltadas para comunicação e migração. Enquanto os Estudos Culturais se concentram nos espaços diaspóricos, e a Teoria Transnacional olha para os espaços transnacionais, o “migrante conectado” e se refere aos ambientes do migrante digital, estamos interessadas em tratar aqui das qualidades heterotópicas que

iluminam a natureza relacional, criativa, dinâmica e heterogênea das relações dos migrantes com o espaço.

Nas próximas seções do artigo, abordaremos a interseção de subjetividades espaciais por meio de diferentes locais de observação: um restaurante cubano em Montreal; as plataformas digitais onde interagem os cubanos no exterior (Facebook, grupo de WhatsApp); o corpo imigrante que comunica uma história; e os tipos de lugares que fazem parte de um imaginário migratório comum, como *el yuma*. Ao fazê-lo, também nos interessa discutir como as relações de poder moldam as experiências dos migrantes cubanos, pois nos encontramos no meio de uma rede heterotópica de espaços onde investigamos processos migratórios e comunicacionais.

A noção de heterotopia permite-nos pensar, a partir de dados etnográficos empíricos, a realidade do espaço social criado pelos migrantes cubanos através da ideia de representação dos lugares que abrigam suas relações na sociedade. Utilizamos essa noção para compreender a heterogeneidade de temporalidades coexistentes e espaços migratórios habitados e percorridos por migrantes cubanos. Nosso intuito é ver como a experiência dos migrantes cubanos em Montreal se constitui a partir de uma teia de relações de espaços socioculturais, temporalidades e memórias que convivem, combinam-se e conectam-se. Consideramos que as heterotopias não são entidades estáveis, mas qualidades contingentes que comportam um circuito relacional e aberto onde coexistem multiplicidade, diversidade e várias atividades num fluxo complexo de localidades, temporalidades e narrativas. A heterotopia é importante

para nossa metodologia por ser uma concepção relacional que privilegia as articulações contingentes e constantes entre elementos heterogêneos sem implicar um sistema fechado ou completo que designe a diferença absoluta.

Para além de imigrantes: relações de diferença na experiência heterotópica

Desde o início de nossa pesquisa ficou evidente a relevância da justaposição de espacialidades e temporalidades: o estado-nação, a pátria, a casa da família que ficou para trás, o bairro da infância, a nova cidade que recebe os imigrantes, as redes sociais (e as reconexões tramadas entre múltiplos espaços-tempo)¹². Isso envolve todos os lugares que são articulados em uma rota migratória e a partir da qual se constrói um modo de vida. Encontramos uma narrativa que, a princípio, parece fragmentada, mas torna-se significativa ao se situar em lugares de trânsito e habitação.

A primeira visita de pesquisa foi fundamental para entender como o espaço influenciou nossas percepções e nos levou

¹² Aparecem também nessa área de estudo conceitos como “webdiáspora”, que designa um espaço midiático transnacional, intercultural e multiterritorial que emerge na interação e compartilhamento de vínculos sociais entre os países de origem e destino dos migrantes. Ainda que existam variadas abordagens sobre o tema, é possível identificar dois princípios fundamentais de constituição e organização da webdiáspora: 1. os vínculos familiares e relações sociais de forma geral; e 2. a mobilização social e participação política (ESCUADERO, 2014).

à noção de heterotopia como conceito-chave de pesquisa. Nesse sentido, entendemos que o trabalho de campo em sua fase exploratória pode estimular o pesquisador a explorar referenciais teóricos, o que, por sua vez, influencia a coleta de dados. Essa dinâmica possibilita a emergência de um *loop* recursivo (*loop* abdução de pesquisa: produção teórica do empirismo – produção empírica da teoria) em uma prática que consideramos derivada, por sua vez, de um compromisso etnográfico que complementa os compromissos científicos, “epistemopolíticos” e práticos aos quais nos referimos anteriormente (GRANJON 2020, p. 14).

Essa visita a Montreal, em 2019, desafiou duas visões iniciais que tínhamos: a ideia de que a migração para o Canadá seria condicionada principalmente pela seletividade de programas (econômicos) de imigração qualificados, ao contrário do fluxo migratório histórico de Cuba para os Estados Unidos; e, por outro lado, uma tendência a homogeneizar categorias empíricas que reduzem o escopo da pesquisa a generalizações como “cubanos” (semelhanças culturais), “migrantes” (semelhanças intragrupo e/ou intracomunitárias) e “no Canadá” (semelhanças na rota migratória). As conversas da autora Elisa com dois grupos diferentes de cubanos foram os processos responsáveis por essa mudança na pesquisa. A troca recíproca de entendimentos, experiências e argumentos entre pesquisadora e participantes criou um ambiente de confiança, no qual as identidades puderam ser consideradas como posições de sujeito contingentes, em constante mudança e dependentes de vulnerabilidades contextuais e relações intersubjetivas que definem conflitos e tensão constante nas negociações.

As conversas no trabalho de campo também podem desestabilizar certezas sustentadas desde o início, pois conectam o pesquisador a grandes debates sobre questões de justiça, garantindo aos participantes mais oportunidades para expor pontos de vista e refletir sobre suas vidas.

Essa primeira fase da pesquisa foi marcada pelo encontro com cubanos desses dois grupos com os quais eu (Elisa¹³) convivi sistematicamente: o grupo de amigos de Daniel e os cubanos que frequentam o restaurante do *chef* Ale. Daniel (36 anos) era o único cubano que eu conhecia em Montreal, e ele me apresentou a seus amigos cubanos, um grupo de imigrantes que tinha um perfil muito parecido com o “tipo” de imigrante qualificado que os programas de imigração canadenses procuram atrair para o país: jovens de 30 a 40 anos, altamente educados, e com domínio das línguas locais. A maioria apresentou sinais de boa integração sociocultural e muitos obtiveram a cidadania canadense; a maior parte trabalha como profissional de TI; segue um modelo de família heterossexual; tem, em média, dois filhos por casal; é branca; e procede da região da capital cubana.

Mais tarde, descobri o restaurante do *chef* Ale (46 anos), que ficava no chamado “bairro latino” de Montreal. Ele foi extremamente receptivo quando nos conhecemos e se ofereceu para me ajudar no que fosse necessário para minha pesquisa. Enquanto o grupo de amigos de Daniel era mais “restrito” (mais fechado e exclusivo),

o restaurante de Ale conectou um grupo de imigrantes muito mais aberto e heterogêneo, cujos perfis, em certa medida, contrastavam com as características do primeiro grupo. A maioria dos cubanos que conheci no restaurante havia emigrado para o Canadá após receber refúgio/asilo político ou casar-se com quebequenses (lembrando que Quebec é um dos grandes destinos de turistas cubanos). Muitos chegaram em Montreal no final dos anos 1990, vindos de diferentes regiões de Cuba e pertencendo a variadas crenças religiosas (sobretudo protestantes e iorubá).

Ao descrever algumas das características comuns de cada grupo, não estamos sugerindo que essa descrição esgote as particularidades dos sujeitos, mas queremos destacar a heterogeneidade encontrada nos espaços frequentados por imigrantes de mesma origem cultural e em suas formas de interação. Olhando para o cruzamento de algumas identidades, além da nacionalidade, posso dizer que, no grupo de Daniel, não conheci nenhum cubano negro ou *queer*, mas eles estavam presentes entre os frequentadores do restaurante. Além disso, ficou evidente a grande diferença entre os relatos dos amigos de Daniel sobre sua trajetória migratória, que geralmente segue os procedimentos dos programas de imigração qualificados canadenses, e os dos amigos e clientes do restaurante. O próprio Ale contou como viajou para o Chile e morou lá por um ano, fazendo logo depois uma viagem por selvas e mares até chegar aos Estados Unidos e seguir para o Canadá.

Interações e entrevistas

O trabalho de campo nos mostrou como as interações casuais, às vezes

¹³ Doravante, sempre que o pronome “eu” for mencionado para relatar experiências de trabalho de campo, deve ser associado à pesquisadora Elisa Beatriz Ramírez Hernández.

consideradas supérfluas, são relevantes para a compreensão das particularidades de um determinado grupo. Embora inicialmente planejássemos realizar entrevistas como nosso método principal, descobrimos como esses encontros fortuitos e frutíferos forneceram *insights* sobre o próprio ato de entrevistar e suas ramificações. Em primeiro lugar, devo salientar que nem sempre foi possível desenvolver uma relação de “confiança mútua” que me permitisse obter um relato mais detalhado das histórias de vida dos participantes, e isso moldou as escolhas em relação aos participantes que apresentamos como os principais “narradores” do texto produzido posteriormente. No caso de Cuba, é necessário considerar também como a vigilância e a perseguição moldaram historicamente as relações entre o Estado cubano e os emigrantes, e como podem condicionar a possibilidade de abertura ao contato com outros cubanos da diáspora.

Os relatos ouvidos no restaurante nem sempre faziam parte das entrevistas formais, mas surgiam nas interações cotidianas com as pessoas que frequentavam o local e, em muitos casos, até se tornavam uma forma de apresentação quando eu conhecia alguém novo. É por isso que achamos importante enfatizar aqui como os roteiros de entrevista ou o planejamento do trabalho de campo nem sempre são capazes de cobrir a variedade de situações e a riqueza de oportunidades oferecidas por uma abordagem mais flexível do espaço e dos participantes que o pesquisador encontra no campo e cujas histórias estamos interessadas em ouvir. Por exemplo, ao longo de nosso trabalho de campo, conheci muitos outros cubanos que não fazem parte desses dois grupos iniciais, especialmente

porque minha segunda visita (2020-2021) ocorreu durante a pandemia de covid-19, quando também conheci outros cubanos mais jovens em Montreal, participantes de um grupo de bate-papo no Messenger, onde interagiram para criar redes de apoio e compartilhar suas experiências.

Muitos dos assuntos que surgiram em trocas casuais na sala do restaurante, durante o café, não apareceram nas entrevistas, apesar das tentativas de direcionar a conversa de volta para tópicos como experiências mais privadas de depressão, conflitos de casais, opiniões sobre outros cubanos que frequentavam o restaurante etc. Essa sensação de interagir separadamente com dois discursos diferentes (vida pessoal e privada vs. temas neutros aceitáveis) formulados pelos participantes (durante a entrevista e em outras ocasiões) foi vivenciada muitas vezes ao longo do trabalho de campo.

É claro que os sujeitos da pesquisa pareciam se sentir mais à vontade para conversar com a pesquisadora em conversas cotidianas, talvez assumindo que o que eles diziam estava fora da entrevista e fazia parte de um relacionamento pessoal não vinculado à investigação. Embora eu (Elisa) tenha tentado manter minha posição “profissional” tanto quanto possível, a própria cultura cubana é definida por um tratamento muito afetuoso e familiar, e foi assim que eles me trataram. Percebi então como me encontrava no meio de uma narrativa dupla a partir da qual eu tinha que escolher o que contar. Isso faz parte das assimetrias de poder no trabalho de campo, que envolve o julgamento primário entre essas narrativas contraditórias, bem como o fato de o pesquisador ter

o privilégio (e a responsabilidade) de escolher. Acreditamos, assim, que os relatos colhidos nas entrevistas são mais bem compreendidos se não tomados como a “verdade” ou como “resultado” da pesquisa, mas como parte de todo o cenário da pesquisa em que sujeitos, encontros, palavras e fatos emergem de forma inesperada às pesquisadoras (e que, por sua vez, as afetam e transformam). É nesse sentido que surge o desconforto, a dúvida sobre o que não cabe fazer ou comentar, a contradição necessária para que o trabalho de campo se torne uma valiosa metodologia de pesquisa.

Por outro lado, entendemos a própria entrevista de campo como um procedimento metodológico ritual (como o questionário, a gravação etc.) que pode ser motivo de constrangimento e, também, levar os entrevistados a adotarem apenas as posições que consideram socialmente aceitas. Nesse sentido, pensamos que a entrevista etnográfica deve ser vista como uma performance que, assim como no teatro, é informada pelas experiências e representações incorporadas pelos atores, mas que dialoga ao mesmo tempo com as expectativas do entrevistador. O objetivo desta reflexão é antes chamar a atenção para a complexidade da tarefa dos pesquisadores sociais que buscam compreender uma realidade com a qual mantêm um duplo vínculo de engajamento e exame crítico.

Essa atitude exige do pesquisador, segundo Caiafa (2020, p. 39, um tipo de “observação flutuante” que consiste em permanecer “vago e disponível”, ao invés de centrado em um objeto específico, como pesquisadores sociocientíficos mais tradicionais, para permitir que a informação chegue ao pesquisador da forma

mais direta possível. Caiafa (2020, p.41) também se refere a uma forma de “presença atenta” que mantém a pesquisadora alerta e, ao mesmo tempo, capaz de suspender julgamentos sobre suas descobertas, uma espécie de distanciamento pelo qual ela renuncia às ideias preconcebidas que poderiam limitar a experiência etnográfica. No entanto, isso não implica adotar uma abordagem ingênua ou desestruturada do contexto estudado, mas é um método que requer treinamento (por meio da experiência de pesquisa de campo) e esforço por parte do etnógrafo.

Porém, durante o trabalho de campo, outras questões surgiram, também dentro de uma comunidade diaspórica, que nos fizeram pensar sobre as relações de poder. Questionei-me sobre a minha posição em cada um dos diferentes grupos que conheci e a forma como eles me permitiram participar da sua vida, além da maneira como me enquadraram. A maioria me via como uma mulher cubana branca, heterossexual e altamente educada: por isso, percebi a naturalidade com que fui aceita no grupo de amigos de Daniel. Eles mesmos às vezes se referiam aos “outros cubanos” de Montreal com um tom de superioridade, como se não fossem seus “iguais”. Eles não frequentam o restaurante de Ale.

Por outro lado, senti que as pessoas que conheci no restaurante faziam julgamentos sobre mim para justificar minha aceitação ali, apesar do que viam como minha origem de classe média, como se eu não fosse o “tipo” de cubano que normalmente se senta e conversa com pessoas de lá. “Eu gosto de você porque você é simples, você é como nós”, um deles me disse. Pela primeira vez na minha vida,

vejo claramente como as classes sociais sempre existiram em Cuba, apesar da “igualdade” promovida pelo governo da ilha. Foi isso que me fez pensar em como a experiência migratória cria espaços heterotópicos que deslocam grupos e lugares sociais para além das fronteiras nacionais.

“A cozinha de minha casa” e as mensagens nas paredes

Nos meses passados em Montreal no ano de 2019, “estar” no restaurante Ale sempre significou conhecer cubanos que, como comecei a perceber, passavam com frequência não apenas para comer, mas também para “conhecer” outras pessoas e histórias. Por vezes, estava em conversas entre amigos/clientes que visitavam regularmente o restaurante e os ouvi referirem-se a este espaço como uma “família”, o que aparece também na publicidade do restaurante. “Esta é a cozinha da minha casa”, disse-me uma das mulheres que encontrei lá.

Em várias ocasiões, eles comentaram como aquele lugar os “salvou” durante períodos difíceis de depressão – mesmo durante as restrições de distanciamento social da pandemia de covid-19, quando passavam para pegar comida e ver rostos amigáveis, o que relataram ser sempre um alívio. As paredes do restaurante estão cheias de mensagens e grafites deixados pelos clientes: datas, nomes, elogios, dando ao restaurante uma abertura a sentimentos nostálgicos. Isso lembra o icônico restaurante cubano La Bodeguita del Medio, em Havana, em cujas paredes antigas estão escritas cartas de visitantes de todo o mundo.

O restaurante de Ale pode ser visto como uma heterotopia, porque é um espaço onde os cubanos recriam suas formas de vida “numa série de relações que delinham lugares decididamente irredutíveis entre si e que não podem ser sobrepostos” (Foucault, 2004b, p. 14), mas também pensamos que é mais a experiência heterotópica da migração que fez esse lugar existir. Nesse sentido, é um espaço investido de qualidades heterotópicas, contingentes, mostrando a superposição de lugares que de outra forma seriam incompatíveis (Cuba, Montreal, a casa da família cubana, as paredes escritas daquele restaurante icônico de Havana etc.). Mas não são apenas os cubanos que visitam o local: mensagens de imigrantes de outros países latino-americanos também podem ser lidas nas paredes – lugares com outra dimensão espacial da diáspora latina em Montreal.

Embora o restaurante tenha sido fundado recentemente, é um ponto de encontro para os cubanos que imigraram para Montreal há cerca de duas décadas, assim como outros cubanos mais jovens que chegaram recentemente à cidade. Nesse sentido, esse lugar também revela uma temporalidade heterocrônica, na medida em que a linha do tempo comum de meio século de emigração no período revolucionário cubano marca várias gerações que se encontram de forma diferente na diáspora.

Cuba online: ainda a mesma, mas com algumas diferenças

Os encontros dos amigos de Daniel, por sua vez, não faziam parte de seu cotidiano, mas eram momentos planejados que

aconteciam em suas casas, praças públicas ou parques onde organizavam piqueniques durante o verão. No entanto, interagiam diariamente em um grupo de WhatsApp que incluía 43 participantes, por meio do qual planejavam suas atividades em grupo; compartilhavam notícias sobre Cuba, Estados Unidos e Canadá; discutiam questões políticas; e postavam memes, piadas e fotos de eventos cotidianos.

Foi apenas durante nossa visita em 2020 que consegui me tornar membro deste grupo de WhatsApp, chamado *Piquete Montréal* (Esquadrão de Montreal). O próprio Daniel me disse: “meu Facebook é o grupo”. Apesar de também seguir muitos deles no Facebook, percebi que raramente publicavam conteúdo ou interagiam nesta plataforma; ao contrário dos cubanos que conheci no restaurante, que não apenas postavam opiniões pessoais e eventos cotidianos, mas muitas vezes se referiam às suas origens cubanas e, principalmente, a eventos atuais na ilha.

As ligações transnacionais do grupo do restaurante com Cuba e como eles abordaram os “temas cubanos” no ambiente online também ilustraram as variadas experiências migratórias dos participantes da pesquisa. No grupo do WhatsApp, por exemplo, Daniel questionou o foco “excessivo” nas discussões sobre as dificuldades da vida em Cuba (crise econômica, crítica política), que chamou de “monotema”. Por outro lado, as relações no restaurante de Ale são construídas na medida em que se assume a forte ligação comum com a vida cotidiana em Cuba. É difícil dizer que nenhum desses lugares pode ser considerado essencialmente transgressor. Essa experiência heterotópica

coloca o sujeito migrante sob múltiplas forças libertadoras e constrangedoras em Cuba e no Canadá, dentro do contexto da família deixada para trás e das diversas comunidades diaspóricas que encontram e com as quais se envolvem.

Os registros digitais também fazem parte dos materiais de pesquisa. Enquanto muitas das postagens coletadas no Facebook mostram o engajamento dos cubanos com o governo de seu país, denunciando a situação política e econômica da ilha, os membros do grupo de WhatsApp costumam usar *stickers* (figurinhas) feitos a partir de imagens de figuras cubanas conhecidas. Com essas figurinhas zombeteiras, eles profanam os líderes revolucionários cubanos, de Fidel Castro ao atual presidente, enquanto mostram e ridicularizam uma variedade de personagens da vida pública cubana, como cantores, atores e jornalistas. As narrativas elaboradas a partir das figurinhas são o resultado de relações dialógicas com a realidade existente, com as ideologias circulantes, com os sujeitos e com outros textos, configurando-se como enunciados marcados pela afirmação de valores e posições de sujeito. Diante de trocas comunicativas ancoradas no compartilhamento e apropriação de *stickers*, os interlocutores são estimulados a pensar sobre as correspondências lógicas entre o objeto e sua representação visual, em um processo que não apenas desloca o conhecimento, mas o reconstrói de forma diferente. Observamos aqui também aquelas temporalidades fragmentadas que permeiam os espaços da diáspora cubana.

Foi assim que percebemos como os ambientes digitais são também um domínio fundamental para a exploração

das experiências dos imigrantes. Esse espaço vai adquirindo paulatinamente qualidades heterotópicas que atravessam fronteiras não apenas nacionais, mas também territoriais, simbólicas e afetivas. Aquele “outro espaço” onde “eu sou, mas não sou” (DEFERT, 2013). Deve-se notar também que o recente crescimento do acesso à Internet em Cuba, com a chegada da conexão móvel 3G, em 2019, foi possível até certo ponto, porque os emigrantes cubanos estão financiando os altos custos deste serviço na ilha. Essas novas conexões vieram ao encontro da necessidade de contato dos emigrantes com suas famílias, ao mesmo tempo em que davam uma nova visibilidade ao cotidiano dos cubanos na ilha e possibilitavam um maior envolvimento direto da diáspora, historicamente excluída da vida pública cubana após a revolução (RAMÍREZ HERNÁNDEZ, 2020).

Em suma, podemos dizer que tanto o restaurante de Ale quanto o grupo de amigos de Daniel no WhatsApp fazem parte dessas heterotopias migratórias que abordam a diferença como a relação entre vários lugares. Como heterotopias, não são completamente abertas ou fechadas, mas envolvem uma complexa dinâmica de pertencimento ou não pertencimento, que vai além do simples fato de ser um imigrante cubano em Montreal ou do espaço comum da rede digital. Espaços concretos e digitais podem dar origem a limiares comunicativos centrados no cuidado de si e dos outros, na escuta e na produção de experimentações que conectam os corpos individuais aos demais sujeitos a partir de um espaço possível de fabulação no mundo concreto.

El yuma

Os vínculos históricos da migração cubana para os Estados Unidos aparecem como uma dimensão importante para a compreensão das dinâmicas que caracterizam o trabalho de campo de Montreal como outro destino migratório. Alguns dos cubanos que conheci em Montreal moraram em Miami e a maioria tem familiares/amigos nos Estados Unidos, então, todos acompanham os acontecimentos e figuras públicas que marcam a vida dos cubano-americanos. No restaurante de Ale, por exemplo, a grande tela de televisão do salão costuma exibir programas hispânicos produzidos em Miami.

O espaço designado nesse imaginário migratório para os Estados Unidos (Miami) se condensa em um lugar conhecido no jargão popular como *el yuma*¹⁴, que também pode significar “estrangeiro” para os cubanos, embora não seja entendido de forma pejorativa. No restaurante, encontrei um amigo de Ale que todos chamam de El Yuma, mesmo sendo cubano, porque morou nos Estados Unidos antes de chegar ao Canadá e está solicitando refúgio político. El Yuma ficou preso por quase dois anos na base naval de Guantánamo por tentar deixar Cuba ilegalmente. Morou por cerca de uma década em Miami e agora afirma que “não há lugar melhor no mundo do que

¹⁴ *El yuma* é uma gíria cubana usada para se referir tanto a um lugar no exterior (principalmente os Estados Unidos, mas também outros países não identificados), sendo também usada como apelido para estrangeiros ou turistas em Cuba. O significado do termo indica um conjunto de valores vinculados ao bem-estar econômico e ao acesso a bens materiais que, nesse sentido, diferenciariam o modo de vida fora de Cuba da realidade dos cubanos na ilha.

o Canadá”. Embora, mesmo depois de dez anos, seu pedido de refugiado ainda não tenha sido aprovado, ele exhibe orgulhosamente uma tatuagem da bandeira canadense na lateral do pescoço. Ele também fala com nostalgia sobre a aldeia rural onde cresceu em Cuba, cujo nome faz referência a um animal que também se tornou uma tatuagem em um de seus pés. Parecia que todo o seu corpo havia se transformado em um espaço heterotópico.

Em um estudo sobre tatuagens, Dominique Roux e Russell Belk (2019) referem-se precisamente às tatuagens como “heterotopias corporificadas”, uma vez que elas não apenas servem para acompanhar os momentos-chave da vida, mas também demonstram a apropriação cuidadosa do corpo como uma cena estética, como aquele “outro espaço” ficcional de imaginação e representações que trazem o corpo de volta à ação. Para esses autores, as modificações feitas na pele alteram o corpo original e vão produzi-lo como “outro espaço”, que é diversamente desafiado, negociado e (re)apropriado. A transformação do corpo em uma heterotopia torna-o um espaço mais habitável. Quando isso surge no contexto da migração, faz-nos pensar como esses corpos em movimento se tornam o único lugar onde todos os lugares podem coexistir, ou se sobrepor. Uma espécie de lugar de diferença onde o tempo e as estradas também deixaram as suas marcas: o corpo que partiu nunca mais será o que regressa. É uma corporeidade heterotópica, que conta uma história e que desafia usos convencionais do corpo, tornando-o mais habitável, um “novo” lar, onde migrantes possam se sentir mais alinhados com quem eles sentem que são.

Mudar o próprio corpo para que ele conte uma história é criar uma escrita singular, um relato de si como prática de resistência. Foucault (2003, 2004a, 2004c) traça uma abordagem da resistência a partir da modelagem da subjetividade a partir de uma ética da autocompreensão que busca questionar como as pessoas se submetem a técnicas de controle que gerenciam e reduzem a agência de seus modos de vida, configurando maneiras de construir identidades. A capacidade de autotransformação seria uma capacidade de autonomia, entendida como a dupla capacidade de refletir criticamente sobre as relações de poder-saber que constituíram a sua subjetividade e de se engajar em práticas de autotransformação que são também práticas de transformação coletiva. A autonomia seria, assim, a dupla capacidade de reflexividade crítica e de autotransformação deliberada.

El yuma parece ser um espaço cubano imaginário, determinante de um domínio heterotópico que atravessa fronteiras e ilumina a temporalidade de processos migratórios específicos por meio de uma justaposição dos lugares e das relações espaciais que definem essa experiência. Pode ser uma pessoa, um lugar concreto e um espaço figurativo também no imaginário cubano. Eric, um dos cubanos do restaurante, também comenta seu projeto empreendedor de produzir roupas esportivas com temas de times cubanos sob sua própria marca, que chamou de “*Yo no soy yuma*” (Eu não sou *yuma*). “Quero dizer com isso que não é preciso ser *yuma* para fazer as coisas bem, de qualidade, originais; nós, cubanos, também poderíamos ter essa prosperidade, essas coisas boas”, diz.

Foucault (2019) afirma que um sujeito não inventa as artes de se modelar que emprega, pois são sugeridas e impostas a ele por sua cultura, sociedade e grupos aos quais pertence. A relação reflexiva consigo mesmo é marcada pela experiência e pela experimentação trazida pelos saberes, pelas práticas cotidianas e pelas relações de poder. Não há criação do eu fora das normas e enquadramentos que orquestram e definem as formas possíveis que um sujeito pode assumir. No entanto, a normatividade não permanece invulnerável diante do que Foucault (2013) define como “a criação de si”, ou seja, um trabalho constante e crítico de redefinição de quem somos diante da recusa da identidade que é socialmente imposta a nós pelos discursos. Assim, é importante lembrar que “o discurso pode ser tanto um instrumento quanto um efeito de poder, mas também um obstáculo, uma barreira, um ponto de resistência e um ponto de partida para uma estratégia oposta” (FOUCAULT, 1990, p. 101).

Nesse sentido, o corpo imigrante tatuado de El Yuma revela uma qualidade desses processos de subjetivação política que emergem por meio de práticas espaciais na mobilidade migratória e nas interações transnacionais. Se heterotopias são esses “lugares [...] fora de todos os lugares, ainda que seja possível indicar sua localização na realidade”, é porque Foucault (2004b, p. 15) entende essas relações espaciais no sentido da experiência, com todas as contradições e complexidades inerentes às nossas formas de nos relacionarmos com os espaços.

Considerações finais

Vimos que a noção de experiência heterotópica se refere à heterogeneidade

das relações com os espaços nos processos de migração e comunicação, articulando-se com um engajamento metodológico no trabalho de campo que envolve a compreensão das assimetrias de poder que permeiam a vida dos participantes da pesquisa e nossa própria atividade investigativa. Ambas as abordagens nos permitem refletir sobre nossa abertura ao diferente, sobre as possibilidades de criação de espaços e novos vínculos que emergem entre práticas cotidianas e imaginários historicamente situados. Isso só é possível quando assumimos que o campo de pesquisa não é apenas o local físico onde interagimos com as pessoas, seus ambientes visíveis e presentes, mas também parte de uma experiência heterotópica que ultrapassa os limites espaciais de uma determinada pesquisa.

Há uma reflexão ética por trás da pesquisa (e que se configura no próprio processo de pesquisa, não se apresentando como um conjunto de regras prévias a serem seguidas) que questiona a autoridade do pesquisador para “falar por” ou “em nome de” alguém, destacando a possibilidade de o pesquisador “conversar” com seus respondentes (FASSIN, 2008; MORICEAU; SOPARNOT, 2019). Assim, pode-se construir significado de forma compartilhada e não hierárquica. O participante sai de seu lugar de “objeto” de análise enquanto o pesquisador constitui para ele um lugar de interlocutor, de parceiro simétrico na construção da pesquisa: um fica vulnerável diante do outro e deixa uma passagem liminar aberta para que ambos interfiram na percepção do outro.

Esse movimento desafia constantemente os pressupostos do pesquisador, e suas certezas se estilhaçam no processo de decifrar e entender como cada participante

lida com determinadas questões e problemas. Os participantes não se tornaram transparentes para o pesquisador apenas porque compartilham algumas características identitárias, ideológicas ou biográficas. O que é vital nesse tipo de pesquisa é saber construir a implicação do pesquisador com as experiências das pessoas na situação praticada (FASSIN, 2008). É importante construir uma relação em que o status e a identidade dos parceiros sejam constantemente reconfigurados juntos, ao mesmo tempo, na dinâmica comunicativa que informa os espaços heterotópicos de coexistência.

Concordamos com Johnson (2013) quando defende que os espaços heterotópicos combinam método e objeto, gerando novos efeitos, experiências, aberturas e perigos, destacando uma rede de articulações e indicando a possibilidade de novas alianças. Acreditamos também que a operacionalização do conceito de heterotopias deve considerar que elas devem ser vistas não simplesmente como uma categoria a partir da qual nomear um determinado lugar ou um espaço multiterritorial, mas principalmente como um “método conceitual” (JOHNSON, 2013), como uma lente para considerar um determinado fenômeno relacional e comunicacional a partir de uma nova perspectiva. Esse método conceitual baseia-se na capacidade do pesquisador de descrever e oferecer dimensões detalhadas das interações vivenciadas por sujeitos articulados em espaços heterotópicos, ao invés de revelar e explicar seu funcionamento a partir de compreensões prévias. A heterotopia como método é, portanto, particularmente produtiva para “conectar estudos interdisciplinares e terrenos interdisciplinares iluminando espaços culturais, fronteiras

disciplinares e noções de subjetividade” (JOHNSON, 2013, p. 800). Nossa apropriação metodológica do conceito busca o poder emancipatório das heterotopias que reside na potência formativa dos limiares, das zonas de negociação, ambivalência e hibridismo em que os migrantes cubanos articulam diferentes fragmentos espaciais de Montreal e Cuba para encontrar e desenvolver formas de vida coletivas.

Interessa-nos, portanto, pensar como o restaurante de Ale, as redes sociais e as tatuagens revelam dimensões das espacialidades migratórias, ou seja, como as mensagens de grafite inscritas pelos clientes nas paredes do restaurante de Ale configuram uma espécie de relação com aquele local, assim como os *stickers* feitos pelos cubanos em um grupo de WhatsApp rearticulam e fabulam novas posições identitárias e o que dizem de imaginários políticos negociados. Também nos deparamos com as cartas que a mãe de Eric havia escrito e enviado para serem escaneadas por um tio, que poderia então enviá-las para ele por e-mail, para que seu filho as recebesse e tivesse contato com a escritura de próprio punho de sua mãe. A abertura de espaços heterotópicos mantém o espaço entre um tempo e outro, um lugar e outro, resultando em uma espécie de suspensão, de ampliação da duração entre sentir-se parte de uma cultura ou contexto e depois sentir-se parte de outra.

Incorporar e refletir sobre essas particularidades do campo de pesquisa significa também compreender que a adoção de metodologias etnográficas deve problematizar as assimetrias de poder que permeiam o trabalho de campo do pesquisador, bem como aquelas que transcendem

as interações pessoais e entram no texto produzido sob a forma de narrativas emolduradas como um tipo de relato científico. Neste texto, buscamos articular essa perspectiva com a noção de experiência heterotópica, que consideramos útil para pensar não apenas nossas relações com os espaços, sujeitos e eventos vinculados à pesquisa, mas principalmente para desenvolver um método de pesquisa de inspiração etnográfica no campo interdisciplinar dos estudos de migração e comunicação.■

[ELISA BEATRIZ RAMÍREZ HERNÁNDEZ]

Doutoranda em Comunicação Social pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).
E-mail: elisabeatriz88@gmail.com

[ÂNGELA CRISTINA SALGUEIRO MARQUES]

Doutora em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e professora do Programa de Pós-Graduação da UFMG. Pós-doutora em Comunicação pela Université Stendhal, Grenoble III.
E-mail: angelasalgueiro@gmail.com

Referências

BARACK, Obama pone fin a la política “pies secos, pies mojados” (+ Declaración). **Cubadebate**, La Habana, 12 jan. 2017, 2017. Disponível em: <https://goo.gl/8X9fti>. Acesso em: 7 dez. 2022.

CAIAFA, Janice. Sobre a etnografia e sua relevância para o campo da comunicação. **Questões Transversais**, São Leopoldo, v. 7, n. 14, p. 37-46, 2020.

CASTAÑEDA, Quetzil E. The invisible theatre of ethnography: performative principles of fieldwork. **Anthropological Quarterly**, Washington, DC, v. 79, n. 1, p. 74-104, 2006.

COGO, Denise; SILVA, Terezinha. Entre a “fuga” e a “invasão”: alteridade e cidadania da imigração haitiana na mídia brasileira. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, v. 23, n. 1, ID21885, 2016.

DEFERT, Daniel. “Heterotopia”: tribulações de um conceito entre Veneza, Berlim e Los Angeles. In: FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico, as heterotopias**. Tradução Salma Tannus Muchail. São Paulo: N-1 Edições, 2013. p. 33-55.

DIMINESCU, Dana. The connected migrant: an epistemological manifesto. **Social Science Information**, Thousand Oaks, v. 47, n. 4, p. 565-579, 2008.

ELHAJJI, Mohammed; ESCUDERO, Camila. A contribuição da comunicação para os estudos migratórios. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, São Paulo, v. 14, n. 26, p. 176-190, 2017.

ESCUDERO, Camila. A construção e organização da webdiáspora. In: ENCONTRO REGIONAL SUDESTE DE HISTÓRIA DA MÍDIA - MÍDIA E MEMÓRIAS DO AUTORITARISMO, 3., 2014, Rio de Janeiro. **Anais [...]** São Paulo: Alcar, 2014.

FASSIN, Didier. L'éthique, au-delà de la règle: réflexions autour d'une enquête ethnographique sur les pratiques de soins en Afrique du Sud. **Sociétés Contemporaines**, Paris, v. 3, n. 71, p. 117-135, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Des Espaces Autres** (palestra). Paris: Gallimard, 1967. Disponível em: <https://foucault.info/documents/heterotopia/foucault.heteroTopia.en/>. Acesso em: 11 jul. 2022.

FOUCAULT, Michel. A ética do cuidado de si como prática da liberdade. In: FOUCAULT, Michel. **Ética, sexualidade, política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004a. p. 264-287. (Coleção Ditos & Escritos, v. 5).

FOUCAULT, Michel. A vida dos homens infames. In: FOUCAULT, Michel. **Estratégia, poder-saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. p. 203-222. (Coleção Ditos & Escritos, v. 4).

FOUCAULT, Michel. Des espaces autres. **Empan**, Toulouse, v. 2, n. 54, p. 12-19, 2004b.

FOUCAULT, Michel. É inútil revoltar-se? In: FOUCAULT, Michel. **Ética, sexualidade, política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004c. p. 77-81. (Coleção Ditos & Escritos, v. 5).

FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico, as heterotopias**. Tradução Salma Tannus Muchail. São Paulo: N-1 Edições, 2013.

FOUCAULT, Michel. **O enigma da revolta** – Entrevistas inéditas sobre a Revolução Iraniana. Tradução Lorena Balbino. São Paulo: N-1 Edições, 2019.

FOUCAULT, Michel. **The History of Sexuality** – Volume I: An Introduction. New York: Vintage Books, 1990.

GANDY, Matthew. Queer ecology: nature, sexuality, and heterotopic alliances. **Environment and Planning D**, Thousand Oaks, v. 30, n. 4, p. 727-747, 2012.

GENOCCHIO, Benjamin. Discourse, discontinuity, difference: the question of “other” spaces. In: WATSON, Sophie; GIBSON, Katherine (ed.). **Postmodern cities and spaces**. Oxford: Blackwell, 1995. p. 35-46.

GOLDMAN, Marcio. Alteridade e experiência: antropologia e teoria etnográfica. **Etnográfica**, Lisboa, v. 10, n. 1, p. 159-173, 2006.

GRANJON, Fabien. **Pour une recherche engagée ethnopratique**. [S. l.: s. n.], 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3uwyyw>. Acesso em: 7 dez. 2022.

HARVEY, David. **Spaces of hope**. Berkeley: University of California Press, 2000.

HETHERINGTON, Kevin. *The Badlands of modernity: heterotopia and social ordering*. London: Routledge, 1997

JOHNSON, Peter. The geographies of heterotopia. **Geography Compass**, Hoboken, v. 7, n. 11, p. 790-803, 2013.

KASTRUP, Virginia. O método da cartografia e os quatro níveis da pesquisa-intervenção. In: CASTRO, Lúcia Rabello de; BESSET, Vera Lopes (org.). **Pesquisa-intervenção na infância e juventude**. Rio de Janeiro: Nau: Faperj, 2008. p. 465-489.

LAVAL, Christian. Foucault e a experiência utópica. In: FOUCAULT, Michel. **O enigma da revolta** – Entrevistas inéditas sobre a Revolução Iraniana. Tradução Lorena Balbino. São Paulo: N-1 edições, 2019. p. 102-142.

MARTINO, Luis Mauro Sá; MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro. Knowledge affects in epistemology: choice and subjectivity in Communication research. **MATRIZES**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 217-234, 2018.

MATTELART, Tristan. Les diasporas à l’heure des technologies de l’information et de la communication : petit état des savoirs. **tic&société**, [s. l.], v. 3, n. 1-2, 2009.

MORICEAU, Jean-Luc; SOPARNOT, Richard. S’exposer, cheminer, réfléchir – Composer sa méthode qualitative. In: MORICEAU, Jean-Luc; SOPARNOT, Richard (dir.). **Recherche qualitative en sciences sociales**: s’exposer, cheminer, réfléchir ou l’art de composer sa méthode. Caen: EMS Editions, 2019. p. 9-23.

RAMÍREZ HERNÁNDEZ, Elisa Beatriz. Fluxos digitais e migratórios: o dispositivo (trans)midiático no contexto transnacional cubano. **Comunicação Pública**, Lisboa, v. 15, n. 28, 2020.

RAMÍREZ HERNÁNDEZ, Elisa Beatriz; MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro. El debate público online en Cuba: sujetos interlocutores y politización de conversaciones sobre migración en el sitio Cubadebate. **Commons**, Cádiz, v. 8, n. 2, p. 80-121, 2019.

RAMÍREZ HERNÁNDEZ, Elisa Beatriz; MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro. O anonimato online como ponte entre experiências cotidianas e presença digital na performance identitária. **Tríade**, Sorocaba, v. 8, n. 18, p. 49-74, 2020.

RIBEIRO, Djamil. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.

RODRÍGUEZ SANTOS, Deborah; COGO, Denise. “La patria somos todos”: trayectorias y disputas narrativas sobre ser emigrante en Cuba. **Anuario Electrónico de Estudios en Comunicación Social “Disertaciones”**, Bogotá, v. 14, n. 1, p. 1-22, 2021.

ROUX, Dominique; BELK, Russell. The body as (another) place: producing embodied heterotopias through tattooing. **Journal of Consumer Research**, Chicago, v. 46, n. 3, p. 483-507, 2019.

STATISTICS CANADA. **Census Profile, 2016 Census** – Canada [Country] and Canada [Country]. Ottawa: Statistics Canada, 2017a. Disponível em: <https://tinyurl.com/2jskajny>. Acesso em: 7 dez. 2022.

STATISTICS CANADA. **Census Profile, 2016 Census** – Montréal [Census metropolitan area], Quebec and Canada [Country]. Ottawa: Statistics Canada, 2017b. Disponível em: <https://tinyurl.com/3rnkvpjt>. Acesso em: 7 dez. 2022.

STATISTICS CANADA. **Census Profile, 2016 Census** – Toronto [Population centre], Ontario and Canada [Country]. Ottawa: Statistics Canada, 2017c. Disponível em: <https://tinyurl.com/23r9xznk>. Acesso em: 7 dez. 2022.

STOICIU, Gina. Diaspora dans tous ses états : carte et territoire. In : Kane,O; Hsab, G. & Agbobli, C. **Identités diasporiques et communication**. Québec : Presse de l'Université du Québec, p. 9-28, 2013.

VELOSO, Lucas Henrique Nigri. **“Remédio anti-covardia”**: cartografia de vulnerabilidades, comunicação e política na construção e performatividade do dia de luta antimanicomial. 2020. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3FzXZWu>. Acesso em: 7 dez. 2022.